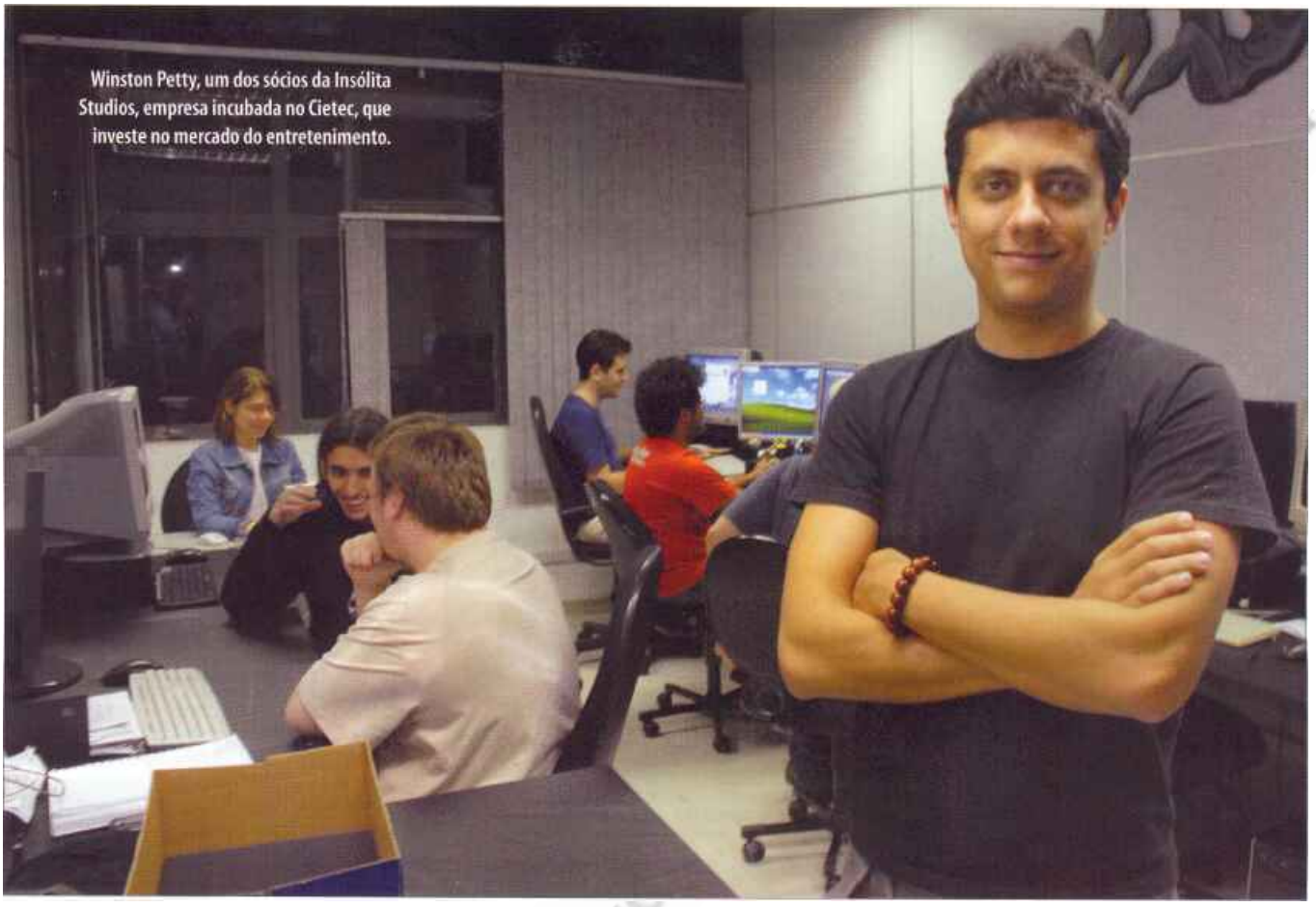

Winston Petty, um dos sócios da Insólita Studios, empresa incubada no Cietec, que investe no mercado do entretenimento.

APOSTA NO EMPREENDEDORISMO

As incubadoras de empresas revelam-se grandes aliadas de quem pretende montar seu próprio negócio.

Incubadoras de empresas têm seu nome retirado de uma analogia com as incubadoras neonatais. Elas preparam as empresas que nascem frágeis e precisam receber ajuda na medida certa para se fortificarem, saírem para o mercado e sobreviverem sozinhas. Basicamente, o objetivo é reduzir a taxa de "mortalidade infantil" das empresas, que é altíssima. Mais da metade das micro, pequenas e médias empresas (59%) fecha as portas até o terceiro ano de vida, ante 7% das empresas que passam pelo processo de incubação, segundo dados do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo (Sebrae). Para isso, propiciam um ambiente flexível e encorajador, que oferece uma série de facilidades para os novos empreendimentos a um custo bem menor do que o de mercado, na medida em que é rateado e às vezes subsidiado.

Outra razão para a maior chance de sucesso de empresas incubadas é o processo de seleção, que capta os melhores projetos e seleciona os empreendedores mais aptos, o que naturalmente amplia as possibilidades de assertividade. A proposta das incubadoras, a maioria ligada a universidades, é oferecer tudo o que o novo empresário precisa para dar os primeiros passos, a começar por consultorias jurídica, contábil, de marketing: estrutura física, capacitação, apoio na participação em missões comerciais e rodadas de negócios, preparação para participar de licitações, além de auxílio na viabilização de inovações tecnológicas.

"Para o sucesso final de um empreendimento, a idéia original só entra com um percentual de 20%; os 80% restantes são capacitação e mercado", dimensiona Sérgio Pvisola, gerente do Centro Incubador de Empresas Tecnológicas (Cietec), que

José A. Sampaio Aranha: "Os jovens podem trabalhar numa pequena organização e ser muito bem sucedidos."

completa dez anos de atividades e, instalado no campus da Universidade de São Paulo (USP), consolida-se como o maior da América Latina. Para ele, o índice de mortalidade das empresas está relacionado à falta de planejamento e noções de negócio. "A cultura do empreendedorismo ainda é falha nas universidades", completa.

Essa opinião é compartilhada por José Alberto Sampaio Aranha, diretor do Instituto Gênesis da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ). "As instituições de ensino ainda estão preparando os jovens para trabalharem em grandes empresas, enquanto 90% dos postos de trabalho são gerados nas micro e pequenas". Para o consultor, os jovens não precisam se sentir incompetentes se não conquistarem emprego numa grande empresa. Eles podem trabalhar numa pequena organização e ser muito bem sucedidos. "Por isso, comece desde cedo a se movimentar e, se necessário, procure as empresas juniores e incubadoras", aconselha.

Sérgio Risola: "O alto índice de mortalidade das empresas está relacionado à falta de planejamento e a cultura do empreendedorismo ainda é falha nas universidades."

Solidez no mercado. As primeiras incubadoras de empresas surgiram no Brasil na década de 1980 e a partir daí vêm crescendo sensivelmente. De acordo com o Panorama 2007, pesquisa realizada pela Associação Nacional de Empreendimentos Inovadores (Anprotec), entre 2003 e 2007 o número de incubadoras deu um salto de quase 100%, passando de 207 para 393, tendência que também foi seguida pelos parques tecnológicos, que passaram de 33 para 50. O grande resultado dessa evolução é o número cada vez maior de empresas sólidas no mercado. Hoje são 6,3 mil empresas ligadas a incubadoras no Brasil e divididas em 2,8 mil incubadas (abrigada em uma incubadora), 1,5 mil graduadas (empresa que concluiu o processo de incubação) e 2 mil associadas (graduada que mantém vínculo com a incubadora).

O sistema acaba de receber uma nova injeção de recursos do governo. O Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) e sua agência Financiadora de Estudos e Projetos (Finep) assinaram em junho, em Brasília, um acordo com 18 incubadoras-âncoras de empresas selecionadas em todo o país, para operar o Programa Primeira Empresa Inovadora (Prime), que prevê investimentos de 1,3 bilhão de reais nos próximos quatro anos em empresas nascentes de base tecnológica.

Pré-requisitos. Idéias inovadoras que atendem ao desenvolvimento sustentável são pré-requisitos para o empreendedor que busca uma incubadora, como é o caso da Tramppo Recicla,

INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO

A maior e uma das mais importantes incubadoras do país, o Centro Incubador de Empresas Tecnológicas (Cietec) foi inaugurado em 1998, concretizando um protocolo de cooperação firmado entre a Secretaria da Ciência, Tecnologia, Desenvolvimento Econômico e Turismo do Estado de São Paulo (SCTDET), o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo (Sebrae/SP), a Universidade de São Paulo (USP), o Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (Ipen) e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT).

Quando deu início às suas atividades, eram apenas 15 empresas incubadas. Ao fim de 2007, já havia abrigado 127 companhias, que, juntas, registraram uma receita de 33,41 milhões de reais e empregaram 780 profissionais especializados.

Outro dado que merece destaque é o resultado registrado pelas empresas graduadas. Seis das 13 empresas que saíram do Cietec em 2007 para ingressar no mercado (4,7% do total das empresas incubadas) faturaram mais de 2,96 milhões de reais, que eqüivalem a 8,9% do total da receita. Essas seis empresas empregaram 62 profissionais especializados, número equivalente a 7,9% do total dos postos de trabalho de todas as incubadas.

O Cietec tem o custeio sustentado pelo Sebrae/SB que já lhe destinou mais de cinco milhões de reais. O retorno: em 2007, as empresas incubadas recolheram cerca de 6,7 milhões de reais em impostos, totalizando 26,7 milhões de reais no período de 1998-2007. Ou seja, para cada um real investido pelo Sebrae, 7,07 reais retornaram aos cofres públicos na forma de imposto.

Roberson Nery, da Tramppo Recicla: idéia inovadora no descarte de lâmpadas.

empresa graduada do Cietec. A base do negócio da empresa foi criar uma alternativa para o descarte dos resíduos de lâmpadas fluorescentes. Dos cerca de 100 milhões dessas lâmpadas produzidas anualmente no país, apenas 6% são recicladas ou descartadas em aterros apropriados. Para tentar corrigir essa situação que provoca sérios danos ao ambiente em razão da contaminação pelo mercúrio presente nas lâmpadas, a Tramppo Recicla desenvolveu uma tecnologia que faz a descontaminação e a reciclagem dos componentes, possibilitando a volta das matérias-primas para as indústrias.

Entre os diferenciais da empresa, está o fato de ser a única do segmento que presta o serviço de reciclagem limpando o vidro da lâmpada antes de triturá-lo. "Não existe algo semelhante com tecnologia nacional", diz Roberson Nery, diretor da Tramppo, que tem entre seus clientes shopping centers e hospitais.

Para desenvolver o equipamento, a empresa contou com a parceria da bioquímica Atsuko Kumagai Nakazone, professora aposentada e doutorada pela USP. Ela coordenou o projeto de pesquisa apresentado pela empresa ao programa de apoio à inovação da Fundação de Amparo à Pesquisa (Fapesp), que destinou bolsas para subsidiar o trabalho, em 2003. Pelo método convencional de descarte, utilizado pelas concorrentes da Tramppo, as lâmpadas usadas são quebradas em meio líquido. Nele, ficam o mercúrio e outros elementos tóxicos, o que gera a necessidade de tratamento do líquido antes do descarte. Atsuko pesquisou um sistema a vácuo para criar um equipamento que quebrasse a lâmpada a seco e aproveitasse todas as suas partes: o vidro, o contato elétrico de alumínio e latão, o filamento de tungstênio e o mercúrio. "Sinto-me gratificada por esse trabalho, pois é a aplicação prática do aprendizado acadêmico", diz.

A proposta de ingressar no mercado de entretenimento digital internacional foi o que motivou os empreendedores da Insólita Studios a buscar o apoio do Cietec. A empresa aposta no segmento de games, que cresce 10% ao ano. "O nosso diferencial é o conteúdo, já que investimos numa propriedade intelectual de valor, e o planejamento", diz Winston George Andrade Petty, tecnólogo em Design de Multimídia e um dos sócios da empresa. Com essa finalidade, desenvolveu o Cave Days, que leva o participante à época das cavernas em um jogo de visual retro e bem humorado e está acessível para download. Esse é o quarto game criado pela empresa e o primeiro para o mercado internacional. Os outros três são voltados ao mercado interno e abordam o tema empreendedorismo para uso em treinamentos empresariais e no ambiente acadêmico.

Muito além do Okut. **Agitação**, São Paulo, jul. / ago. 2008. p. 16-18.